

() Graduação (X) Pós-Graduação

**A ORGANIZAÇÃO EM ANÁLISE: Uma perspectiva analítica da obra de Eugene
Enriquèz**

Danielle Moura Dantas Scultori
Universidade Cesumar - Unicesumar
daniscultori@gmail.com

RESUMO

O objetivo desse resumo expandido consiste em como compreender os variados níveis de análise das organizações a partir de uma ótica não funcionalista por meio de uma abordagem psicanalista trazida pelo autor Eugene Enriquèz em sua obra A Organização em Análise. Para esse fim, o autor apresenta a análise a partir de sete instâncias as quais funcionam como lentes no processo de análise e compreensão das organizações. Enriquèz ressalta a importância e a relevância de analisar as organizações de uma perspectiva distinta, aprofundando a análise a partir da construção histórico-social do indivíduo, o qual são agentes dentro de um sistema vivo e dinâmico. O autor não se limita a uma perspectiva positivista, o que contribui e torna possível a análise das organizações com uma abordagem distinta das mais predominantes no campo das organizações.

Palavras-chave: Análise; Organização; Ótica; Paradigmas.

1 INTRODUÇÃO

Esse resumo expandido tem como objetivo aprofundar a perspectiva de Eugene Enríquez a respeito do nível de análise das organizações, o que torna possível a compreensão do indivíduo na organização através das instâncias trazidas pelo autor.

A importância dessa análise é que em sua obra *Organização em Análise* o autor vai além das análises positivistas, que são predominantes no campo das organizações. No qual apresenta fenômenos sociais e organizacionais a partir do uso da psicanálise utilizando uma abordagem freudiana com uma ótica não funcionalista, o que foge ao tradicionalismo.

Para compreender os níveis de análise das organizações o autor propõe sete instâncias diferentes, sendo a mítica, social-histórica, institucional, organizacional, grupal, individual e pulsional com o foco voltado ao indivíduo (ENRIQUEZ, 1997), o que veremos a seguir.

2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise o autor inicia a obra com a instância mítica, que é um ponto de ancoragem da sociedade, onde o mito constitui um processo de comunicação afetiva criando um vínculo social através da identificação com os protagonistas. O mito permite que os indivíduos se reconheçam como ser pulsional e entidade social. Ao passo que o mito despersonaliza o indivíduo a partir da mimetização de uma figura heroica, porém inalcançável, permeando a dualidade entre se tornar um membro da equipe e distinguir-se dela.

As sociedades históricas diferem das sociedades arcaicas, que são naturalmente comunidades. Sendo assim, são regidas com menos frequência por seus mitos, e mais por sua ideologia. A ideologia sucede a mitologia nas sociedades históricas e está inerentemente ligada à ordem do visível e do representável, onde as ideias, os ideais, tipos de organizações e comportamentos dependerão da maneira como os modos de produção funcionam (ENRIQUEZ, 1997). O ideal deve mobilizar os membros da organização e gerar uma visão compartilhada transformando os membros em heróis. Portanto, embora a ideologia reconheça e transmita uma parte da realidade, ela é enganosa por omitir parte da verdade.

A instituição é o que forma, dá início, seu objetivo é estabelecer um sistema de controle e manter uma permanência e continuidade, visa a lei e a proibição como formas de regulamentação. Já a organização é percebida como uma forma distinta de estruturação e incorporação da instituição. Ela visa canalizar a pulsão da vida para o trabalho produtivo, sendo

criadas para funcionar de acordo com um modelo pré-estabelecido e não de forma natural e orgânica.

Em contraposto, o grupo se estabelece a partir de um objetivo em comum, com um caráter representativo e comunitário, indispensável na criação de toda organização, instituição e sociedade histórica.

Todo grupo é composto por indivíduos. Se torna impossível olhar para o indivíduo sem considerar o comportamento social e cultural que o permeiam. Um indivíduo sem indagações, dúvidas e fantasmas está distante de si mesmo assim como dos demais. Todo indivíduo é um ser pulsional, e isso transpassa todas as demais instâncias. A pulsão de vida fundamenta o estabelecimento de uma ordem, organização ou de uma civilização. Enquanto a pulsão de morte, suprime o indivíduo, opera sobre a vida provocando com frequência a destruição e homogeneização. Compreendendo assim as instâncias apresentadas pelo autor, que possibilita essa ótica distinta das convencionais.

A análise sobre organizações e sua estrutura resultam em uma combinação da visão do indivíduo e produção técnica, que permeiam o contexto histórico-social dinâmico (REED, 1998). Portanto, essa compreensão permite uma ótica para além da organização, mas a construção social do indivíduo como própria organização.

Compreender a organização a partir dessa ótica, de lentes não convencionais, torna possível enxergar a organização a partir do indivíduo e suas construções sociais. o que difere do paradigma funcionalista, o qual olha para a sociedade, não o indivíduo, com um foco regulador e prático para melhor utilização do conhecimento empírico (MORGAN, 2005).

3 CONCLUSÕES

A realização desse trabalho conclui que é possível analisar as organizações a partir de uma perspectiva distinta das convencionais, fugindo da abordagem funcionalista o qual se difere das análises mais predominantes no campo das organizações.

Ao explorar análises de diferentes óticas viabiliza-se a discussão de estudos com foco na sedimentação de paradigmas emergentes aos quais podem contribuir com a redução dos desafios epistemológicos estruturais existentes no campo das teorias organizacionais (SERVA; DIAS; ALPERSTEDT, 2010)

Dessa forma, o objetivo desse trabalho consiste em compreender os níveis de análise da organização, percebendo seres concretos viventes nas organizações, pertencentes a grupos, que

são agentes dentro de um sistema social historicamente construído.

Entende-se que esse resumo limita-se a análise de uma obra, podendo se aprofundar na análise a partir de mais obras relevantes para o contexto das teorias das organizações em busca mais aprofundada no campo das análises.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da professora doutora Hilka Pelizza Vier Machado.

REFERÊNCIAS

ENRIQUÈZ, E. **A Organização em Análise**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

MORGAN, Gareth. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 58-71, 2005.

REED, Michael. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 61-98, 1998.

SERVA, M., DIAS, T. & ALPERSTEDT, G. D. (2010). **Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica**. 50(3).
<https://doi.org/10.1590/S0034-75902010000300004>